

MULHER E ESPORTE: o preconceito com as atletas de *Rugby* da cidade de Maringá-PR

Giovanna Xavier de Moura¹

Fernando Augusto Starepravo²

Jeferson Roberto Rojo³

Dourivaldo Teixeira⁴

Marcelo Moraes e Silva⁵

RESUMO

Este trabalho relata os resultados de uma pesquisa que investigou a relação entre preconceito e um grupo de mulheres que jogam *Rugby* na cidade de Maringá, no estado do Paraná, Brasil. Para a coleta de dados, quinze atletas foram questionadas por meio de entrevista semiestruturada, baseada em sete perguntas. Os resultados apontam para o fato de as jogadoras sofrem preconceito, embora afirmem que não se incomodem e/ou perturbem com isso. Os comentários direcionados a elas são de que este é um esporte de/para homens. Concluímos também que o preconceito é oriundo principalmente de suas famílias, e as participantes sustentam que ele ocorre em resultado da falta de conhecimento adequado da modalidade esportiva.

Palavras-chave: *Rugby*; Mulher; Esporte; Preconceito

-
- 1 Mestranda em Educação Física. Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá/Paraná, Brasil.
E-mail: giovannax.moura@hotmail.com
 - 2 Doutor em Educação Física. Professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá/Paraná, Brasil.
E-mail: fernando.starepravo@hotmail.com
 - 3 Mestrando em Educação Física. Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba/Paraná, Brasil.
E-mail: jeferson.rojo@hotmail.com
 - 4 Doutor em Educação. Professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá/Paraná, Brasil.
E-mail: dtexa@hotmail.com
 - 5 Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba/Paraná, Brasil.
E-mail: moraes_marc@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Pesquisas mostram que o preconceito se faz presente em nossa sociedade e existe mesmo nas comunidades mais desenvolvidas (ADORNO *et. al*, 1950; ALLPORT, 1954; TAGUIEFF, 1987). O tipo de preconceito pode variar desde a cor da pele, peso, raça, idade, aparência física, religião, sexo e orientação sexual⁶.

Nos esportes, os quais também refletem intrinsecamente os valores de uma sociedade, a situação se mostra parecida. Entre outros tipos de preconceito, podemos citar aquele contra a mulher, no sentido de elas não serem capazes de realizar atividades físicas semelhantes e/ou até mesmo iguais às dos homens. Conforme apontam Figuerôa e Moraes e Silva (2014), as questões referentes ao preconceito contra a mulher são temas muito discutidos em todas as esferas da vida cotidiana e compreendem diversos espaços como o doméstico, profissional, social, intelectual, artístico e, logicamente, o esportivo.

Goellner (2003; 2005; 2006) e Moraes e Silva e Fontoura (2011) salientam que durante muitos anos as mulheres foram proibidas de participar de qualquer atividade esportiva. Os argumentos utilizados para realizar esta exclusão circulavam em torno de sua fragilidade/incapacidade biológica, sua condição materna, possibilidade de masculinização corporal e contestação de sua heterossexualidade. Knijnik (2003) e Adelman (2003; 2006) indicam que apesar de as mulheres terem rompido diversas fronteiras de gênero⁷ no cenário esportivo e tenham conquistado o direito de participarem de competições em quase todas as modalidades, tal condição não sinaliza que sua participação seja completamente aceita na esfera esportiva, assim como indicam Figuerôa e Moraes e Silva (2014, p.17), afinal “inúmeras questões e preconceitos ainda pesam sobre as mulheres atletas”.

Marques e Cafeo (2014) indicam que o *Rugby* é o segundo esporte mais praticado no mundo. Ressaltam também que a modalidade cresce significativamente no Brasil, buscando intensamente a adesão de mulheres ao seu universo. Este fato é relevante, visto que, conforme apontam Goellner (2006) e Moraes e Silva e Fontoura (2011), tal modalidade na década de 1940 no Brasil era considerada inapropriada para as mulheres. De acordo com Dunning (1992), Anderson e Mc Guire (2010) e Gee e Jackson (2012), essa prática

-
- 6 Neste ponto torna-se interessante apresentar as definições levantadas por Weeks (1999) sobre os conceitos de sexo, gênero e sexualidade: a) sexo – conceito para indicar as diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que se vê como diferenciando homens e mulheres; b) gênero – termo usado para descrever a diferenciação social entre homens e mulheres; c) sexualidade – descrição geral de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas em relações aos seus desejos e prazeres sexuais. Um ponto importante e que merece ser reforçado, conforme apontam Moraes e Silva e César (2014), baseados nestas definições de Weeks é a diferenciação entre os conceitos de sexo, gênero e sexualidade.
- 7 Scott (1995, p.86), foi uma das primeiras teóricas a construir uma conceituação de gênero: “Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. A autora também salienta que os homens e as mulheres não cumprem sempre, nem literalmente, as prescrições atribuídas como adequadas para os sexos sistematizadas pelo conceito de gênero. Sendo assim, seria este não cumprimento das prescrições o que se convencionou chamar de rompimento de fronteiras de gênero e são estas violações que fazem surgir o fenômeno do preconceito.

esportiva sempre foi considerado um território masculino por excelência. Esta interdição se dava pelo fato do *Rugby*, ter um alto grau de contato físico entre os participantes. Desta forma, as mulheres praticantes da modalidade acabam “encontrando-se num meio social permeado de símbolos e representações, as quais na maioria das vezes privilegiam os homens, e as masculinidades” (ALMEIDA, 2008, p. 40).

Contudo, Marques e Cafeo (2014) lembram que Confederação Brasileira de *Rugby* (CBRu) tem trabalhado para tornar o esporte não só mais conhecido entre os homens, mas também entre as mulheres⁸. Isto pode ser identificado nos resultados da Seleção Brasileira feminina que se consagrou 11 vezes campeã sul-americana invicta e que atualmente ocupa o 10º lugar no Ranking mundial de *Rugby Sevens*⁹ (CBRu, 2015). Além disso, em fevereiro de 2014, o Brasil recebeu, pela primeira vez, doze das melhores seleções femininas do mundo em uma etapa do Campeonato mundial de *Rugby Sevens*, conhecido como *Women Sevens World Series*¹⁰.

Tendo em vista o que anteriormente foi apresentado, este estudo tem como objetivo investigar um grupo de atletas de *Rugby* da equipe feminina da cidade de Maringá, no norte do Paraná, Brasil, na busca de indicativos que demonstrem se elas sofrem preconceito devido à prática desta modalidade e como é a percepção das atletas em relação a este tema.

MÉTODO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa descritiva, que segundo Gil (2008), tem como objetivo a descrição das características de um determinado grupo.

O estudo foi realizado com a equipe feminina de *Rugby* da cidade de Maringá, no Paraná. A equipe possui 20 atletas na categoria feminina, entretanto, o número de frequência por treino era em torno de 15 mulheres. Sendo assim, optamos por entrevistar 15 atletas por este ser o número próximo ao total de jogadoras presente em cada sessão de treinamento. A participação na pesquisa se deu de forma voluntária, e, após os devidos esclarecimentos e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), responderam a entrevista. As atletas apresentavam idades que variam entre 16 e 30 anos.

Como instrumento da pesquisa foi utilizada uma entrevista semiestruturada, com sete perguntas que serviram como roteiro. O entrevistador pôde acrescentar ou direcionar melhor o processo de acordo com as respostas apresentadas pelos pesquisados. O roteiro foi formulado pelos autores e continham perguntas como: Já foi alvo de preconceito por

8 Chagas (2007) aponta que em 1997, na cidade de Florianópolis (Santa Catarina) foram formadas duas equipes femininas: o Barra *Rugby* Clube e o Desterro *Rugby* Clube. Mais detalhes sobre a segunda equipe consultar pesquisa de Gonçalves (2014).

9 Variante do *Rugby* jogada com apenas sete jogadores em cada time e com dois tempos de sete minutos

10 Este campeonato é dividido 5 em etapas, sendo que cada etapa é realizada em um local diferente. O Brasil passou a receber uma das etapas durante a temporada 2013/2014. Para mais informações: <http://www.worldrugby.org/womens-sevens-series>

praticar esta modalidade? Se sim, por parte de quem? Como você lida/lidou com essa atitude? Você acha que o preconceito em relação à modalidade se dá só com as atletas mulheres ou também dos homens? Quais os motivos da existência do preconceito? Depois de realizada a coleta, as entrevistas foram transcritas e os dados foram analisados através da Análise de Conteúdo de Bardin (2004).

A pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram encaminhados e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá, segundo o Parecer 852.193. Além disso, foi encaminhado também a Associação Atlética *Rugby* Maringá, uma carta solicitando a autorização para a realização da pesquisa com as atletas que compõem o time feminino. Ainda, para manter preservada a identidade das atletas, utilizamos as siglas A1, A2, A3, e assim sucessivamente até A15, para distingui-las.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em primeiro lugar, antes de efetivamente entrarmos no processo de resultados e discussões, faz-se necessário conceituar a palavra “preconceito” para melhor compreensão do texto. De acordo com Allport (1954), o sentimento negativo e depreciativo contra um membro de um grupo socialmente desfavorecido e/ou contra o grupo *per se*, denominado preconceito, pode ser concebido como um sentimento experienciado apenas pelo grupo dominante em direção ao grupo dominado, uma relação majoritário-minoritário, e nunca o inverso. O grupo dominado, em contrapartida, pode experienciar sentimento de rejeição e de inferioridade advindos dos prejuízos causados pelo preconceito e discriminação endereçados ao próprio grupo, assim como vivenciar sentimentos de hostilidade e recusa aos grupos majoritários.

Adorno *et. al* (1950) pondera que a fonte do preconceito é uma personalidade autoritária e/ou intolerante. Indivíduos autocráticos tendem a ser rigidamente convencionais. Partidários do seguimento às normas e do respeito à tradição, eles são hostis com aqueles que desafiam determinadas regras sociais. Ao olhar para o mundo através de uma lente de categorias rígidas, não acreditam na natureza humana, temendo e rejeitando todos os grupos sociais aos quais não pertencem. O preconceito é uma manifestação de sua desconfiança e suspeita. Torna-se necessário ressaltar que o preconceito e a discriminação, apesar de serem conceitos com grandes aproximações, possuem algumas diferenças. Taguieff (1987) salienta que o preconceito, usualmente incorporado na vida dos indivíduos converte no eixo central e reprodutor da discriminação e da exclusão, podendo gerar com isso a violência contra os diferentes. Rodrigues *et. al.* (2009), consideram a discriminação como um dos componentes (comportamental) do preconceito.

Entre as formas de preconceito e discriminação presentes em nossa sociedade estão aquelas relativas ao sexo biológico, aos comportamentos considerados masculinos e femininos (gênero) e os relativos à orientação sexual (sexualidade). Todos estes elementos se evidenciam na vida de mulheres que se inserem num universo esportivo como o do *Rugby* (WRIGHT; CLARK, 1999; GILL, 2007; ALMEIDA; 2008; PACHECO, 2014).

Em segundo lugar, para que analisássemos os dados coletados, os categorizamos através da Análise de Conteúdo de Bardin (2004) da seguinte forma: a existência do preconceito e como e por quem ele se dá; convivência com o preconceito; o preconceito em relação ao homem e à mulher praticante de *Rugby*, e por fim, o preconceito e a justificativa da sua existência. É importante lembrar que a análise foi feita a partir do ponto de vista das atletas.

Cabe ressaltar que, após a leitura e categorização das entrevistas, foram escolhidos os excertos que conseguissem contemplar e representar o que a maioria das atletas declarou sobre aquela categoria.

A Existência do preconceito e como e por quem ele se dá

Com relação ao preconceito, em primeiro lugar, é preciso salientar que houve uma discordância entre as atletas quando questionadas se já haviam sido alvo de preconceito por praticar a modalidade. Nove das quinze atletas entrevistadas afirmaram textualmente já terem sido alvo de preconceito, principalmente por questões de quebra de determinadas fronteiras de gênero. Esta linha argumentativa pode ser ratificada pelos seguintes excertos: *“Já, várias vezes. Em casa com a minha irmã, ela vive me falando que isso é jogo de homem, que eu sou muito bruta, que eu sou muito macho”* (A1, 2014); *“Sim, [...] fui pro hospital o médico me perguntou se eu era lésbica por jogar Rugby”* (A3, 2014). As demais atletas (6) garantem não ter sido alvo de preconceito. Citamos um exemplo a seguir, da A13 (2014): *“Não, por praticar o Rugby não. Nunca”*.

No entanto, foi possível detectar uma contradição nas respostas apresentadas pelas atletas que alegaram não ter sofrido preconceito. Cinco das seis esportistas que responderam não durante a entrevista citaram fatos e/ou comentários direcionados a elas que culminaram por indicar a presença do preconceito, tais como se percebe nas frases: *“Não, apenas quando eu falo as pessoas ficam indignadas porque acham que não é esporte pra meninas”* (A2, 2014), *“Assim, preconceito nunca sofri [...] a primeira reação é essa que é esporte de homem e não é praticado por meninas”* (A13, 2014), *“Eu acho que não, [...] só de falar assim “nossa, vocês são malucas” tipo, “vocês são muito, como pode se dizer, muito brutão, muito brutona” essas coisas.”* (A9, 2014). Apenas uma atleta que diz não ter sofrido preconceito pelo *Rugby*, mas afirma que, quando praticava outra modalidade, o atletismo, isso já havia acontecido: *“Por Rugby não, mas eu já pratiquei esportes, atletismo, e já fui alvo de preconceito. Falaram que eu era máscula, homossexual”*. (A15, 2014).

Através das entrevistas, foi possível reunir diferentes trechos em que as atletas apresentam as maneiras pelas quais o preconceito se dava com relação à prática do *Rugby*. As formas mais citadas foram com relação aos indivíduos pensarem ser esta uma modalidade: de/para homens, agressivo/violento e que não deve ser considerado um esporte, que as atletas não seriam capazes de praticá-lo, e por fim, que por essa prática, elas seriam consideradas como homossexuais. Tais elementos ficam muito bem representados pela fala da A6 (2014):

Muitos falam que é esporte de homem e que não é coisa de mulher fazer, ficam perguntando se, que é muito agressivo. Acho que é mais isso, falam da questão de talvez mudando de sexo assim sabe? Achar que só por praticar gosta de mulher.

Uma das atletas afirmou ainda sofrer preconceito com a modalidade por esta não condizer com sua postura profissional:

Assim, eu sofro na verdade com o preconceito porque por eu ser uma pseudo advogada, por eu ser formada em direito e tal, as pessoas falam: ah, mas você não tem vergonha? [...] não é meio [...] isso não é muito postura de advogada, não é muito postura de gente formada [...] Não vai te levar pra lugar algum (A7, 2014)

Tais afirmações vão ao encontro com o que é apresentado por Knijnik (2003) e Goellner (2005; 2006), no sentido de que o esperado das mulheres, ainda hoje, é que pratiquem esportes que salientem sua “graça e delicadeza” e “mantenham a feminilidade e ideais de beleza e que não danifiquem seus corpos”. As mulheres que se inserem no universo de um esporte como o *Rugby* têm sua heterossexualidade contestada quase que automaticamente. Sendo assim, Moraes e Silva e Fontoura (2011), baseados em Butler (2003), extrapolam tais questões, salientando que os papéis atribuídos a homens e mulheres nas práticas esportivas são elementos editados e fabricados historicamente e inscritos nos corpos por uma matriz heterossexual. Os autores enfatizam que o discurso da diferenciação biológica entre homens e mulheres e a conseqüente diferenciação de práticas corporais, prescritas para um e outro sexo são reguladas por este mecanismo hetero. Desta forma, tais definições não podem ser atribuídas nem como falsas nem como verdadeiras, mas devem ser consideradas como efeitos de verdade produzidos em um discurso sobre uma identidade fixa e estável baseada na anatomia e na heterossexualidade compulsória¹¹.

Ressaltamos que pelo menos oito atletas afirmaram que de todos os indivíduos, em primeiro lugar, as suas famílias são as que mais têm esse preconceito com esta modalidade esportiva. Rial (1998, p. 238), ao pesquisar uma equipe de *Rugby* masculina também encontra quadro semelhante: “Muitos dos pais, porém, se opõem a que os filhos pratiquem esse esporte, sem, contudo, impedi-los”. A autora expõe também a fala de um dos familiares dos atletas “[...] por mim, M nunca jogaria isso, não é esporte, é pura violência”. Vale ressaltar que se existe preconceito em relação à violência desta modalidade esportiva com atletas homens tal característica se evidencia e torna-se ainda mais problemática quando mulheres resolvem praticar o *Rugby*.

Como foi visto as atletas entrevistadas apontam que os indivíduos têm uma imagem do *Rugby* como perigoso e relacionado à força bruta, uma vez que apresenta um elevado nível de contato físico entre os jogadores. Assim, o esporte para eles é violento e as mulheres não deveriam e/ou não teriam a capacidade de praticá-lo. Além disso, o fato de

11 Tais questões sobre um fundacionismo biológico, marcado pelos saberes médicos e regrados por uma matriz hetero dentro da constituição histórica da Educação Física no Brasil, foram problematizadas com detalhes nos artigos de Moraes e Silva e Fontoura (2011) e Moraes e Silva e César (2014).

as jogadoras tenderem a ter uma composição física diferenciada, ou seja, uma estrutura forte, acabam por remeter o esporte a mulheres que não são femininas e/ou até mesmo homossexuais (WRIGHT; CLARKE, 1999; GILL, 2007; ALMEIDA, 2008; PACHECO, 2014). Tais conclusões podem ser exemplificadas por Almeida (2008, p.95) quando apresenta a possível razão para esta imagem distorcida da modalidade, embora a autora não estivesse pesquisando especificamente sobre o preconceito neste esporte:

Os corpos das jogadoras quando entram na arena de jogo parecem transgressivos para os olhares advindos dos expectadores, tanto pela sua aparência, repleta dos itens que compõem a vestimenta de jogo (uniforme, protetores, entre outros), quanto pelas ações que desempenham durante as partidas – empurram, derrubam, chocam-se, utilizando de técnicas que exigem atributos como força e agressividade.

Como visto a questão da violência, da agressividade e da contestação da sua heterossexualidade são as principais críticas que mulheres que praticam *Rugby* sofrem, tendo então que desenvolver estratégias para superá-las.

Convivência com o preconceito

Tendo em vista que a maior parte das atletas já se sentiu alvo de preconceito, ainda que, às vezes, não explícito, nessa seção apresentaremos como essas esportistas lidam, sentem e enfrentam esse tipo de situação.

Sete jogadoras apresentaram o mesmo discurso quando se trata sobre como reagir ao preconceito. De certa forma, as esportistas visam defender o *Rugby*, explicando como é o seu funcionamento e afirmando que este não é um esporte violento. Para justificar tais elementos acabam por apelar para a universalidade do esporte, tão bem descrita por Elias e Dunning (1992), pois esta modalidade, assim como diversas outras, possui toda uma ordenação para que suas disputas tenham um bom andamento e garantam a integridade física de seus praticantes. Estes elementos ficam visíveis nas seguintes falas:

É eu tento explicar que não é bem assim, que não tem toda essa violência que o pessoal tá acostumado a ver, que o pessoal acha que tá entrando pra um ringue de luta mesmo e daí eu explico que não é bem assim, que tem o jeito de praticar, tem as técnicas pra não pegar muito pesado e tal. Eu tento explicar na medida do possível. (A13, 2014)

[...] e que também o Rugby não é só violento, não é só negativo quanto as pessoas pensam. Ele também trás muita coisa positiva [...] a ética, o quanto o Rugby, como fala, tem uma política de respeito, de você considerar a pessoa com quem você tá jogando e não simplesmente de violência (A8, 2014)

A5 (2014) asseverou que: *“Eu respondo que ele é um esporte de contato sim, mas como qualquer outro, [...] mais conhecido, o handebol ou o basquete, [...] não*

tinha esse preconceito e é um esporte tão de contato quanto o Rugby”. Diante do que foi apresentado por esta atleta podemos salientar que a existência do preconceito com o Rugby, se deve ao fato de, por exemplo, ser um esporte menos conhecido que modalidades mais populares no Brasil.

Outro comentário utilizado por seis das praticantes de Rugby, representados pelas falas de A7 (2014): “*Eu gosto desse esporte, eu faço como uma superação minha mesmo, [...] então não me importo muito não com o que falam ou o que vão falar. Pode falar que não vai interferir*” e A6 (2014): “*[...] Se tá fazendo bem pra mim, não vou parar só por causa do que eles acham que o esporte representa pra eles. [...]*”. As demais atletas responderam ao preconceito, tentando convidar os amigos/família para assistir/jogar (2)¹², levando na brincadeira (2), com raiva (1) e com alegria (1).

É válido salientar que A9 (2014) apresentou um discurso bem diferente daquele apresentado pelas demais atletas quando foi questionada sobre como se sentia quando falas preconceituosas eram dirigidas a ela, como por exemplo, em relação ao fato de ser um jogo de homem em que se corre o risco de se machucar jogando:

[...] eu acho super massa porque pra mim, eu adoro ter machucados. É como se você chegasse e mostrasse tipo uma marca de guerra, porque praticamente quando você vai jogar é como se fosse isso, você dá o sangue pelo seu time, como se fosse uma guerra. E você chegar e tipo, com aquelas marcas e você tá super feliz por estar daquele jeito.

O seguinte trecho da pesquisa de Rial (1998, p. 235), ao estudar o universo de uma equipe masculina de Rugby, revalida o sentimento vivido por esta atleta: “Mas essa dor é vivenciada por Y com uma certa dose de prazer; as cicatrizes são exibidas com orgulho (...)”. Nesse momento, visualizamos uma nova forma de ser mulher, pois conforme lembra Pacheco (2014), uma nova feminilidade está sendo construída, a qual é marcada por um empoderamento formado a partir da reprodução de elementos de características atribuídas ao mundo masculino.

Dessa forma, é perceptível que, independente do que falem sobre o Rugby e de todo o preconceito envolvido com este esporte, mesmo com a família e amigos muitas vezes contra a prática dessa modalidade, as atletas maringenses, por mais que se incomodem, não deixam de praticar o esporte e não mudam sua forma de pensar. De todos os modos, elas tentam convencer que o Rugby é como qualquer outra modalidade coletiva, que esta atividade faz bem para cada uma delas e do quanto se orgulham de participarem de um esporte como este.

12 Os números referem-se à quantidade de atletas que apresentaram esse discurso.

O preconceito em relação ao homem e à mulher praticante de *Rugby*

Neste tópico trabalharemos sobre a perspectiva das atletas de *Rugby* com relação às diferenças no tratamento de externos, para com os homens e mulheres praticantes da modalidade.

Das quinze atletas, quatro dizem que os homens praticantes de *Rugby* não sofrem com preconceito, isto é representados pelas falas de A6 (2014): “[...] porque para homem, falar que joga *Rugby* acho que é até algo bom assim, por ser um esporte [...] representando força [...] mas pra mulher eles olham de um jeito mais machista” e A13 (2014): “Eu acho que não, pelo menos nunca ouvi nenhum menino fazendo esse tipo de comentário com outro menino. Quando eu vejo um menino falando [...] eles veem como acho que uma coisa de força que eles tem [...] Mas quando é menina já vê como uma pessoa mais frágil [...]”.

A percepção destas atletas remete ao que Rosenberg (1990), Adelman (2003; 2006), Goellner (2005; 2006) e Moraes e Silva e Fountoura (2011) dizem sobre como a mulher é vista dentro do esporte e a quais modalidades estaria “fisicamente preparada” para praticar. Além disso, ressaltam que para os homens, esse tipo de dificuldade não acontece, dado que não têm esta limitação de prática pelas suas condições fisiológicas.

Por outro lado, onze atletas afirmam que homens e mulheres praticantes da modalidade sofrem com preconceito, como apresenta a A4 (2014): “Eu acho que o *Rugby* é com os homens também. Não vejo que é só com as mulheres [...]”

Destas onze atletas, sete consideram que ainda assim a mulher sofre mais com o preconceito do que o homem, o que é representado pelas falas de A3 (2014): “Eu acredito que tem tanto com homens e com mulheres, mais pela selvageria mesmo. Mas as mulheres são mais focadas, mais vítimas assim desse preconceito” e A7 (2014):

Eu acho que com as mulheres acontece mais. Com os homens acho que deve acontecer também, mas com as mulheres é maior porque a sociedade é meio machista, né? Tudo que tem um pouco mais de contato, um que seja talvez um pouquinho mais, vamos dizer bruto, usando o sentido meio chulo da concepção do esporte. Mas acho que as mulheres sofrem mais sim do que os homens.

Um fator interessante presente na entrevista de duas das onze atletas que acreditam que as atletas de *Rugby* sofrem mais com o preconceito do que os homens que praticam é que consideram que as próprias mulheres são mais preconceituosas em relação a este tema do que os homens. De acordo com a percepção de A5 (2014) “[...] é que as mulheres também são bem mais preconceituosas quanto a isso do que os homens. Os meninos eles apoiam muito mais as mulheres jogarem dos que as próprias mulheres, [...] é mais preconceito por parte das próprias mulheres [...]” e A11 (2014) “É uma visão meio machista e em si as mulheres tem uma visão machista disso”.

Todos estes elementos corroboram os resultados de pesquisas realizadas sobre o *Rugby* feminino, como as de Wright e Clarke (1999), Gill (2007), Almeida (2008) e Pacheco (2014), as quais afirmam que o preconceito com as mulheres que praticam esta prática esportiva é bem superior do que aquele que os atletas masculinos sofrem.

O preconceito e a justificativa da sua existência

Diante dos questionamentos feitos às jogadoras, no último momento das entrevistas, as mesmas tiveram um instante em que puderam refletir sobre o motivo de sofrerem o preconceito por praticarem esta modalidade. É sobre isto que discutiremos nesta seção.

Doze das quinze atletas citaram em suas entrevistas a falta de conhecimento sobre o *Rugby* como o principal fator a gerar o preconceito. Podemos encontrar indícios para corroborar esta afirmação nas citações abaixo, de A8 (2014) e A7 (2014), respectivamente:

[...] pra quem eu falo as pessoas tem assim uma visão assim, de falta de conhecimento mesmo, de que é só violento, não sabe, por exemplo: a ética, o quanto o Rugby, como fala, tem uma política de respeito, de você considerar a pessoa com quem você tá jogando e não simplesmente de violência [...] e geralmente é visto jogando por homens.

Porque ah, é eu acho que o preconceito na verdade surge quando você não conhece muito. [...] então se as pessoas não conhecem o Rugby não sabem como é de verdade por dentro então acho que elas têm um pouco de receio dele e é daí que parte, o que vem e surge o preconceito.

Após a apresentação dos trechos acima, é possível perceber que as atletas creem que o fato de os indivíduos não conhecerem a modalidade resulta em uma imagem negativa do *Rugby*, isto é, de que ele é um esporte violento e de que deva ser praticado por homens. Assim, ocorre um julgamento, formando-se uma opinião antes de se ter o conhecimento necessário para avaliar a modalidade. Isto é respaldado por Allport (1954) e Taguiff (1987), que caracterizam o preconceito, já citado anteriormente, como sendo um sentimento negativo contra um indivíduo alicerçado na certeza de que possui atributos negativos concedidos a um grupo.

As demais atletas defendem que o preconceito acontece devido à cultura de uma sociedade com padrões fixos, como mostram os seguintes excertos das atletas A10 (2014): “sociedade que onde o homem tem que ser forte e a mulher tem que ser feminina, toda delicadinha, perfeita [...]” e A1 (2014): “mulher tem que ter aquele jeitinho afeminado, não pode jogar coisa bruta, não pode ser muito forte”. Tais afirmações também se mostraram presentes nos trabalhos sobre o *Rugby* apresentados anteriormente por Gill (2007), Almeida (2008), Gonçalves (2014) e Gonçalves e Vaz (2015).

A5 (2014) ainda acrescenta que:

A maior preocupação mesmo do Rugby é porque é um esporte frequentado por muita gente, às vezes não é só uma elite, então tem gente de todo tipo [...] não é um esporte elitizado, então pode chegar lá no treino e ter gente de toda a crença, todo tamanho, todo jeito e você vai ter que conviver com aquilo. [...] algumas pessoas encarem de uma maneira preconceituosa também.

Cabe aqui uma observação sobre a fala da atleta, que ao abordar o preconceito dentro da modalidade estudada, reflete sua própria posição a favor do mesmo, ao mostrar, de certa forma, ter preconceitos ao dizer que no *Rugby* pode ser praticado por indivíduos oriundos de todas as classes sociais e estruturas diferentes e quem pratica a modalidade terá de conviver com essas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação ao preconceito com as atletas de *Rugby* da cidade de Maringá, no Paraná, vimos que, mesmo que algumas dessas atletas não considerem as ações direcionadas a elas como preconceituosas, diante de seus discursos, elas revelam sofrer preconceito por praticar esta modalidade, uma vez que a mesma é considerada masculina (RIAL, 1997; WRIGHT; CLARKE, 1999; GILL, 2007; ALMEIDA, 2008; PACHECO, 2014). Os comentários preconceituosos mais comuns ditos a elas são que o *Rugby* é um esporte de/para homens, é uma prática violenta e que mulheres não deveriam praticá-la, e que, por estarem inseridas na modalidade, são consideradas homossexuais e/ou masculinizadas (WRIGHT; CLARKE, 1999; GILL, 2007; ALMEIDA, 2008; PACHECO, 2014). As atletas pesquisadas ponderaram ainda que suas famílias são as que mais demonstram ter preconceito. As esportistas justificam estas ações como sendo por falta de conhecimento deste esporte.

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas relacionadas ao preconceito, estas esportistas não deixam de praticar a modalidade por acreditarem ser uma atividade que faz bem a elas, tanto física quanto emocionalmente por ser um lugar em que fazem amizades, em que vivem como uma família, que se respeitam e respeitam os demais times (WRIGHT; CLARKE, 1999; GILL, 2007; ALMEIDA, 2008; PACHECO, 2014; GONÇALVES; VAZ, 2015). Além disso, por ser uma atividade que exige disciplina, é considerada como uma superação a ser enfrentada por elas, conforme salientam Almeida (2008), Gonçalves (2014) e Gonçalves e Vaz (2015). Podemos acrescentar também que os significados da prática desta modalidade para as atletas estão vinculados a aspectos positivos. Além disso, eles são similares a alguns dos principais valores do *Rugby*, como respeito, por exemplo.

Esperamos que este trabalho tenha contribuído para alertar futuros profissionais e praticantes de esportes que ainda há muito a ser percorrido para que as mulheres alcancem um lugar de respeito na prática de modalidades socialmente reconhecidos como territórios “masculinos”. Afinal, conforme lembram Marques e Cafeo (2014), mesmo com esta maior visibilidade feminina conquistada as condições de acesso, participação e permanência no esporte ainda são bastante desiguais, visto que os incentivos, apoios, patrocínios e premiações ainda apontam para uma trajetória muito diferente quando analisamos a inserção masculina e feminina no esporte.

Outro ponto que ambicionamos são que as famílias possam acompanhar os jogos, e vivenciar, juntamente com as atletas, o *Rugby*, reconhecendo suas características e seus valores. Os profissionais da área de Educação Física podem se informar mais sobre esta modalidade, e repassar esse conhecimento de forma que, não só as famílias dos atletas, como toda a sociedade possam ter uma imagem diferente sobre o *Rugby*.

Sugerimos para pesquisas futuras: realizar estudos com outros times femininos de *Rugby* do Paraná ou até mesmo do Brasil e também realizar trabalhos sobre a percepção dos atletas de *Rugby* masculino com relação às esportistas mulheres.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, p. 445-65, 2003.
- _____. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p.11-29, 2006.
- ADORNO, T. W.; FRENKEL-BRUNSWLK, E.; LEVINSON, D.; SANFORD, R. **The Authoritarian Personality**. New York: Harper & Row, 1950.
- ALLPORT, G. W. **The Nature of Prejudice**. Massachusetts: Addison-Wesley. 1954.
- ALMEIDA, T. R. **Fortes, aguerridas e femininas: um olhar etnográfico sobre as mulheres praticantes de Rugby em um clube de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado em Ciência do Movimento Humano - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- ANDERSON, E.; MCGUIRE, R. Inclusive masculinity theory and the gendered politics of men's *Rugby*. **Journal of Gender Studies**, v. 19, n. 3, p. 249-261, 2010.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHAGAS, V. **Dez anos de Rugby feminino no Brasil: A realidade das jogadoras da seleção brasileira – campeã do III torneio sul-americano de Rugby seven-a-side**. Monografia (Graduação em Educação Física) do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY. **Meninas do Rugby Conquistam o Ouro nos Jogos Sul-Americanos**. Março, 2014. Disponível em: http://www.sharklion.com/proyectos/cbru/main/content.php?page=20&i=3&id_noticia=1025 . Acesso em: 12 de Março de 2015
- COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Women in Olympic Movement**. 2015. Disponível em: http://www.olympic.org/Documents/Reference_documents_Factsheets/Women_in_Olympic_Movement.pdf . Acesso em 12 de Março de 2015.
- DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992. p. 299 -325.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.
- FIGUERÔA, K. M.; MORAES E SILVA, M. Impressões femininas sobre a presença da mulher na capoeira. **Revista da Associação Latino-americana de Estudos Sócio-culturais do Esporte**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 16-31, 2014.

- GEE, S.; JACKSON, S. J. Leisure corporations, beer brand culture, and the crisis of masculinity: the Speight's 'Southern Man' advertising campaign. **Leisure Studies**, v. 31, n. 1, p. 83-102, 2012.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GILL, F. 'Violent' femininity: Women *Rugby* players and gender negotiation. **Women's studies international forum**. Pergamon, 2007. p. 416-426.
- GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003.
- _____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.
- _____. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006.
- GONÇALVES, M. C. **Esporte e estética**: um estudo com jogadoras de rúgbi. Tese de Doutorado em Educação. Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- GONÇALVES, M. C.; VAZ, A. F. Resíduos do amadorismo no esporte: exemplo de uma equipe de rúgbi feminino. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 591-601, 2015.
- KNIJNIK, J. D. **A Mulher Brasileira & o Esporte**: seu corpo, sua história. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.
- MARQUES, J. C.; CAFEO, M. R. G. Mulheres fazem isso? Análise das estratégias de gestão do rúgbi feminino no Brasil. **Podium**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 26-40, 2014.
- MORAES E SILVA, M.; CÉSAR, M. R. A. Refletindo sobre os "problemas de gênero" no Brasil: contribuições para a pesquisa em Educação Física. **Educación Física y Ciencia**, La Plata 16(2), p.1-10, 2014.
- MORAES E SILVA, M.; FONTOURA, M. Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n.2, p.263-75, 2011.
- PACHECO, L. T. "Lugar de mulher... é no *Rugby*": notas sobre relações de gênero e corporeidade no interior de Minas Gerais. In: Reunião Brasileira de Antropologia – Diálogos antropológicos expandindo fronteiras. **Anais...** Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, p.1-13, 2014.
- RIAL, C. **Rugbi**: esporte e masculinidades. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M. P. Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Mulheres, 1998, p. 229-258.
- RODRIGUES, A. et. al. **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ROSEMBERG, F. A Educação Física, os Esportes e as Mulheres: Balanço da Bibliografia Brasileira. In: ROMERO, E. (Org.). **Corpo, Mulher e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1995.p. 271-308
- RUGBY READY. **Introdução ao Rugby Ready**. Disponível em: <http://www.irbRugbyready.com/index.php?section=5&language=ptbr> . Acesso em 20 de Junho de 2015.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

- TAGUIEFF, P. A.. **La force du préjugé**: essai sur le racisme et ses doubles. Paris: Éditions La Découverte, 1987.
- WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 35-82.
- WRIGHT, J.; CLARKE, G. Sport, the media and the construction of compulsory heterosexuality: a case study of Women's *Rugby* Union. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 34, n. 3, p. 227-243, 1999.

WOMEN AND SPORT: the prejudice against *Rugby* athletes in the city of Maringa – PR

ABSTRACT

This paper reports the results of a study that investigated whether a group of women playing *Rugby* in Maringa, Parana, Brazil. To collect data, fifteen athletes were questioned through a semi-structured interview based on seven questions. The results pointed to the fact that they suffer prejudice, although they asseverate not to bother with that. Most comments directed to them are that this is a sport for men. It was concluded that prejudice is mainly derived from their own families and the participants maintain that it occurs as a result of lack of proper knowledge of this sport.

Keywords: *Rugby*; Woman; Sport; Prejudice

MUJERES Y DEPORTE: el prejuicio con las atletas de *Rugby* de la ciudad de Maringá-PR

RESUMEN

Este trabajo presenta los resultados de un estudio que investigó si un grupo de mujeres que juegan al *Rugby* en Maringá, Paraná, Brasil. Para recoger los datos, cuestionamos quince atletas a través de entrevista semiestructurada basada en siete preguntas. Los resultados apuntan al hecho de que sufren prejuicios, aunque no se molesten o perturben con eso. Comentarios direccionados a ellas son que este es un deporte de/ para los hombres. También se concluye que el prejuicio se deriva principalmente de sus familias, y las participantes sostienen que se produce como resultado de la falta de conocimiento adecuado sobre este deporte.

Palabras clave: *Rugby*; Mujeres; Deporte; Prejuicio

Recebido em: março/2016

Aprovado em: junho/2016